

Em defesa das Escolas da Madeira

Ver para além dos rankings

Antes de mais, esclareço: Não contem comigo para estar contra as escolas da Madeira e do Porto Santo, contra os professores que aqui trabalham e contra os respectivos alunos! Vou estar sempre do seu lado, contra todos os que os quiserem denegrir, seja com opiniões, 'estudos', *rankings* ou com peças e programas jornalísticos destinados a dar palco às vozes do costume.

Sou contra, como sempre fui, da simplificação das escolas a um mero lugar numa lista enviesada, feita com critérios sempre diversos, reduzindo o saber e as competências dos alunos a um exame anual que vale apenas 30% da nota final e que, no ensino básico, se resume a duas disciplinas.

Sou contra a falta de critério que faz de iguais as realidades diferentes, que ignora os aspectos sociais e económicos, que não considera o conjunto dos saberes e que incorre em clamorosos erros de julgamento estatístico.

Sou contra os que, pensando que com isso granjeiam adeptos políticos, optam por esgrimir argumentos que mais não visam que destruir a Escola da Madeira, diminuir os seus professores e minorizar os seus alunos, os mesmos que, quando tiveram oportunidade de o provar, pouco ou nada fizeram pela Escola que agora a atacam e acusam de todos os males.

Sou contra um sistema de ensino alternativo que vise eliminar as retenções, que quer os alunos de 'bibe' até ao secundário, que pugne pelo fim do apoio ao ensino privado, que defenda rácios irrealistas na composição das turmas e na dimensão das escolas e no planeamento da rede, que defenda uma acção social sem critério de rendimento, que queira destruir a Escola a Tempo Inteiro, que pretenda provocar a falência das instituições provadas e o desemprego dos docentes e não-docentes lá empregados, que seja absolutamente irresponsável do ponto de vista da gestão dos recursos públicos.

Pelo que não me verão, nunca, a trabalhar para as estatísticas. Defenderei sempre o rigor, a exigência, o trabalho, a disciplina, o estudo, a investigação, a aferição, os exames, mesmo que isso nos custe descer uns lugares nas famigeradas tabelas com que, anualmente, a oposição e a comunicação social se entretêm dias a fio.

*

Anualmente, as Escolas da Madeira, os seus professores e os seus alunos são atacados pelos defensores dos *rankings*, que à falta de conhecimento, de trabalho e de ligação efectiva à realidade das escolas, fazem análises redutoras e desconsideram todos os que, dia-a-dia, lutam por uma escola melhor.

Há *rankings* para todos os gostos em função da amostra e do interesse que quem analisa, tendo em conta o n.º de disciplinas, o n.º de exames, o ser público ou privado, enfim...

Por exemplo, no *Diário de Notícias* de Lisboa, num *ranking* de 600 escolas do país, afirma-se que 1/3 destas (200) têm em média negativa. Será um bom serviço prestado à educação, julgar escolas apenas por médias de exame, que representam apenas 30% da avaliação global do aluno e que, no caso da escolaridade obrigatória, incidem apenas sobre o Português e a Matemática?

Já no Secundário, vemos, por exemplo, a EB23S do Galeão, S. Roque, ser crucificada pela comunicação social face aos seus resultados. Mas vejamos: trata-se de uma escola em fim de oferta dos cursos científico/humanísticos, que optou pelo ensino profissional, que apenas promoveu exames de secundário para dar uma oportunidade a 5 alunos, (os restantes 17 eram externos!), e é julgada e catalogada como 'má escola', deixando de lado o extraordinário trabalho que ali se tem feito no combate ao insucesso e na oferta de percursos curriculares alternativos. Que o digam os seus alunos e encarregados de educação.

Para que se perceba a fraqueza e a falta de rigor destas análises, a E.S. Jaime Moniz, de acordo com o DN, está na posição 201º em 600, no Jornal de Notícias em 173º e, na SIC/online-Expresso em 177º. No entanto, não se releva nem revela publicamente que, só desta escola, entraram, este ano, 42 alunos em Medicina, o que diz bem da qualidade do ensino ali proporcionado e dos seus alunos.

Pergunto eu:

Não seria mais justo avaliar-se quantos alunos concluem o 9º ano, quantos acabam o 12º e quantos entram na Universidade?

Não seria mais adequado relevar que, na Madeira, a grande maioria dos alunos que concluem o 9.º ano se inscrevem no 10.º ano?

É justo comparar escolas privadas (que seleccionam alunos à entrada) com escolas públicas (abertas a todos), escolas grandes com escolas pequenas, escolas do interior e das zonas urbanas, escolas que servem realidades socioeconómicas diferentes?

Não vejo os que querem agredir as escolas da Madeira, os seus professores e alunos, destacarem que, nas provas aferidas do 1.º ciclo os resultados da Madeira já estão acima da média nacional (94,4% de positivas na Língua Portuguesa e 91,1% de positivas em Matemática), que, no 6.º ano, na Língua Portuguesa tivemos uma média regional de 87% e, na Matemática, 70,3%, e que no 9.º ano tivemos 63,1% na Língua Portuguesa e 43,4% na Matemática, de resto sendo esta a única média negativa registada na Madeira até o 9.º ano.

No secundário a média da Madeira foi de 9,93, quando a média nacional foi de 10,70. Mas é bom não esquecer que 40% das escolas do País tiveram média negativa nos exames do secundário. Cito apenas como referência alguns resultados: Açores 9,73; Portalegre, 9,59; Bragança 9,89; Évora 10,20; Guarda 10,10; Beja 10,20; Setúbal 10,16, ou seja, com diferenças que não chegam aos 3 décimos de valor.

Se cada uma das escolas da Madeira melhorar simplesmente 5 décimos, damos um salto significativo na média nacional.

A análise dos dados disponibilizados pelo Ministério de Educação indica que a Madeira apresenta resultados de 11.216 exames no Secundário contra, por exemplo, apenas 7.822 nos Açores. Ora se a população das duas Regiões é idêntica isto só revela que na Madeira muito mais alunos ingressam no Secundário.

Por outro lado, são mais de 25% de alunos com 19 ou mais anos de idade na Madeira contra percentagens entre 11% e 19% nos Distritos Continentais e nos Açores. Estas duas situações revelam que a Madeira leva mais alunos a exame e entre eles, uma percentagem muito alta de jovens adultos.

Obviamente que a qualidade média fica penalizada pela quantidade conseguida. O que nos diz que mobilizamos muito mais jovens para a escolarização, o que poderá fazer com que as médias sejam penalizadas.

Se considerarmos apenas o grupo de alunos até aos 18 anos (16,17 e 18), para todos os distritos e regiões (são cerca de 85% do total de alunos a exame), a Madeira situa-se a meio da tabela (11.º lugar em 21) e ligeiramente acima da média nacional (100,14%), considerando todas as Escolas e exames feitos por alunos com 16, 17 e 18 anos e excluindo os mais velhos.

Este mesmo indicador (considerando apenas os alunos até aos 18 anos) traz-nos da 19.ª posição em 2006, para a 15.ª em 2007, 12.ª em 2008 e 13.ª em 2009. Não é ainda a posição desejável, mas indica-nos que vamos na boa direcção.

Faço notar, também, que em 2009 nasceram 2.380 crianças na Madeira. e que, em 2010, entraram 1.500 alunos no Ensino Superior (dos quais 80 em Medicina).

*

Mais recentemente, um famigerado estudo do CNE foi (novamente) divulgado seguindo-se o habitual aproveitamento político dos agentes e dos 'independentes' do costume. O que não se diz, é que este relatório se refere a estatísticas dos 50 anos de educação, que já tinha sido apresentado em Janeiro, que voltou a ser notícia em Junho, e que esse estudo, agora 'requeentado' por uma jornalista a quem não se reconhece qualquer competência na matéria, foi feito com dados de 2007/2008! Não se apresentam os dados dos Açores (pois a RAA eliminou, há anos, os exames nacionais de 9.º ano), tão só do Secundário (e mesmo assim branqueando-os) embora se admita, que os seus resultados são piores do que os nossos. Não se faz referência à nossa oferta de pré-escolar e de ETI que é de 100% contra 70% da média Nacional, não se considera a evolução positiva que a Madeira vem tendo quer nos resultados dos exames e provas aferidas, quer nas taxas de transição dos últimos 10 anos. No acesso ao ensino superior não se considera que o nosso índice de colocação se aproxima muito dos 100%, já que praticamente todos os candidatos da Madeira ao ensino superior obtêm colocação. Esquece-se que a Região Autónoma da Madeira não entrou por políticas facilististas do tipo "todos passam" e que não defendeu que as taxas de transição de alunos seriam consideradas na avaliação de professores.

Não duvido, e ninguém que siga de forma isenta o sistema educativo moderno duvidará, que a Escola é hoje muito mais do que saber ler, escrever, contar... Quando se investe nas artes, na dança, na música, no teatro, nos hábitos de vida saudável, no desporto, nos valores cívicos, no voluntariado, na educação rodoviária, na educação para a sexualidade e para os afectos, no respeito pela diferença, na integração, na multiculturalidade, nas TIC's, na higiene, no ambiente, na alimentação, nos hábitos culturais, na criação de públicos, na preservação dos património material e imaterial, nos hábitos de escrita criativa e de leitura, na qualificação profissional, nas bibliotecas, etc., etc., é de esperar que a geração que esta Escola ajudou as famílias a preparar, será certamente muito melhor que a geração dos seus pais e avós.

Há muito mais a avaliar que não apenas a interiorização de conteúdos que é o que os exames tradicionais avaliam e, no ensino básico, apenas em duas disciplinas.

Em educação precisamos de muita perseverança para ir identificando as fragilidades no sentido de as corrigir. Preferia que em vez de *rankings* que comparam o incomparável, se comparassem resultados de, por exemplo, quantos alunos concluem o 9.º ano, quantos concluem o 12.º ano ou quantos entram na Universidade.

A ideia que vimos lançando às Escolas é de que se comparem consigo próprias, que se comparem com as médias nacionais. E a situação, como atrás referimos, é de evolução muito positiva. A mensagem é de que devem procurar caminhos que levem a uma melhoria contínua, muito embora, mesmo assim, haja que ter em atenção que os alunos não são os mesmos, os professores mudam, etc.

O estudo que importa fazer – e é um desafio que pretendemos fazer à UMa, que no conjunto dos seus centros de competências detém todo o saber e tecnologias necessárias – é de que faça uma avaliação rigorosa e por escalões etários do nível de saberes e competências da nossa população (escolar e pós-escolar) em todas as áreas do quadro de referência europeu, designadamente:

a) Comunicação na língua materna;

- b) Comunicação em línguas estrangeiras;
- c) Competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologia;
- d) Competência digital;
- e) Aprender a aprender;
- f) Competências interpessoais, inter-culturais e sociais e competência cívica;
- g) Espírito empresarial; e
- h) Expressão cultural.

Só com uma avaliação deste tipo, periodicamente monitorizada, podemos fazer apreciações rigorosas e traçar novas estratégias.

Francisco Fernandes